

Androginia: a roupa feminina representada no Jornal *O Estado* na coluna de moda de Iara Pedrosa

Glauco de Sousa Backes
glaucobackes@yahoo.com.br
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo descreve como no âmbito da moda a roupa feminina entrou em cena para ajudar a mulher na competição com o homem por melhores posições de emprego e ganho de respeitabilidade na sociedade. Para tanto o corpo do artigo relaciona androginia a roupa feminina e a sua utilização para essa competição. A atuação feminista nesse contexto reflete a necessidade da mulher ser respeitada. Utilizando como fonte a coluna de Iara Pedrosa, colunista de moda do jornal “*O Estado*” de 1970, observa-se essa discussão no Estado de Santa Catarina.

Palavras Chave: Androginia; Feminismo; Moda; Movimentos Sociais

Abstract: This article describes how in the framework of fashion women’s clothes stepped in to help a woman in competition with the man for better job positions and gain respectability in society. For this, the body of the article relates the androgyny with women's clothing and their use for this competition. The feminist activity in this context reflects the need of women to be respected. Using as a source, the column of Iara Pedrosa, a fashion columnist for the newspaper *O Estado* from 1970, it is notice this discussion in the State of Santa Catarina.

Keywords: Androgyny; Feminism; Fashion; Social Movements

Androgyny: the women's clothing represented in the Newspaper *O Estado* in the fashion column of Iara Pedrosa

Neste artigo pretendo observar, dentro das matérias de Iara Pedrosa, alguns aspectos que dizem respeito a androginia na roupa feminina e masculina em alguns momentos durante o ano de 1970. Iara Pedrosa

Uma das características observadas em Iara Pedrosa por meio da leitura do seu trabalho é que a jornalista apresentava uma mentalidade avançada para a época, apesar de refletir o momento que vivia também e expusesse os ideais conflituosos que marcaram as décadas de 1960 e 1970, períodos de revolução sexual e de transformação dos movimentos feministas e homossexuais.

Vamos e venhamos: as mulheres têm roubado mais da roupa dos homens do que os homens das mulheres. A começar pelo fundamental – as calças compridas, antes uma extravagância, hoje incorporadas ao guarda-roupa feminino. Por isso, não chega a ser tão estranho que os homens enveredem



pelo outro lado, requisitando os estampados para as camisas e até mesmo as bolsas como acessório permanente.

Desde sempre se convencionou que a bolsa era objeto de mulher. No entanto, o homem que sai a serviço carrega muito mais coisas importantes do que a mulher que sai a passeio. Ela não dispensa as mil pequenas coisas de toucador – embora nem sempre –, os documentos, cigarros. Ele só não leva objetos de toucador porque não os usa. Em compensação, tem muito mais documentos, em tamanho, peso e volume. Por isso recorre às pastas e maletas, nem sempre estéticas e quase sempre desconfortáveis. Já era mesmo hora de começarem a pensar na bolsa: não um objeto de adorno, mas um instrumento útil, que, além disso, pode combinar com o terno, com os sapatos, integrar-se à sua elegância. Mais dia menos dia, os homens estarão todos de bolsas, assim como as mulheres estão hoje, de calças compridas.

Agora: o que não parece nada conveniente é fazer do acessório um pretexto unissex. Bolsa de mulher é bolsa de mulher, bolsa de homem deve ser bolsa de homem. A idéias de combinar, igualando as calças, as camisas, os chalés, os sapatos e as bolsas, até pode ter seguidores. Mas aí já não é moda. Isto tem outro nome.¹

A matéria acima foi publicada no Jornal O Estado em 07/06/1970 escrita por Iara. Podemos observar que no início do texto a jornalista demonstra um grande avanço em seus conceitos e que esta em sintonia com os movimentos da moda e das liberdades de gênero, da necessidade que a sua época tem em se modificar e se atualizar quebrando paradigmas e conceitos culturais congelados pela sociedade.

Depois, ao final da matéria a jornalista associa seus conceitos avançados com os conflitos existentes de seu tempo, entre o que os homens podem utilizar e o que não podem utilizar dos acessórios femininos, conflitos culturais resultantes dos movimentos feministas e homossexuais.

Quem melhor pode nos falar sobre essas diferenças entre sexo e gênero na nossa cultura é Joana Maria Pedro² onde ela nos diz que:

Em português, como na maioria das línguas, todos os seres animados e inanimados têm gênero. Entretanto, somente alguns seres vivos têm sexo. Nem todas as espécies se reproduzem de forma sexuada; mesmo assim, as palavras que as designam, na nossa língua, lhes atribuem um gênero. E era justamente pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero mas não têm sexo, que os movimentos feministas e de mulheres, nos anos oitenta, passaram a usar esta palavra ‘gênero’ no lugar de ‘sexo’. Buscavam, desta forma, reforçar a idéia de que as diferenças que se constatavam nos

¹ PEDROSA, Iara. As bolsas e outras bossas. In: *Jornal O Estado*, 06 de junho de 1970. Santa Catarina. p. 3.

² PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, vol.24 no. 1, Franca, 2005, pp. 77-98. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742005000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.



comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do 'sexo' como questão biológica, mas sim eram definidos pelo 'gênero' e, portanto, ligadas à cultura.

Nesta síntese proposta por Joana Pedro, observamos que a análise de gênero é uma característica cultural e reflete quem as relações de poder advêm desta cultura e não do sexo propriamente dito, não é algo biológico que determine a força através do poder, acontece pelo transcorrer da história na transformação das culturas. As construções históricas reproduzem esse conceito e o reforçam e permite que essa diferenciação dos gêneros esteja sempre influenciando os comportamentos e a visão que um gênero possui do outro.

Essa diferenciação entre sexo e gênero está proposta em diversas teorias feministas que a utilizam para quebrar o conceito de que as diferenças biológicas sexuais sejam determinantes no papel da mulher e do homem na sociedade. Essas diferenças são essencialmente criadas historicamente e são modificadas ao longo do tempo de acordo com os valores de determinada sociedade. Nicholson³ traz uma conceitualização bastante interessante a esse respeito:

'Gênero' é uma palavra estranha no feminismo. Embora para muitas de nós ela tenha um significado claro e bem conhecido, na verdade ela é usada de duas maneiras diferentes, e até certo ponto contraditórias. De um lado, o 'gênero' foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a 'sexo', para descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado. Aqui, 'gênero' é tipicamente pensado como referência a personalidade e comportamento, não ao corpo; 'gênero' e 'sexo' são portanto compreendidos como distintos. De outro lado, 'gênero' tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos 'femininos' de corpos 'masculinos'.

Linda Nicholson discute que nas diferentes correntes feministas e principalmente na segunda onda feminista os diferentes significados de gênero e a origem do termo bem como quando se decidiu utilizar esse termo para a diferenciação entre o que era característica sexual e o que foi construído ao longo da história pelo chamado sexo forte, o masculino, no controle das relações interpessoais.

Gênero é então o que norteia as relações na nossa sociedade e estas designam os signos de representação do masculino e do feminino. Estas representações podem ser utilizadas para transgredir e comparar ou se comparar com o outro sexo, dentro desta

³ NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. Florianópolis: *Revista de Estudos Feministas* /CFH- UFSC – Vol. 08, N. 02, 2º semestre 2000, pp. 09-40 Disponível em: <http://portalfeminista.org.br/REF/PDF/v8n2/Nicholson> Acesso em 26/maio/2008.



perspectiva observa-se que a roupa pode ser utilizada como um discurso, como uma forma de se entrar em lugares que são proibidos ou que são socialmente aceitos. O uso destes artifícios, dos jogos de aparência, podem trazer segurança e credibilidade apenas por se usar os signos do outro.

Mas o que seria androginia exatamente? Em alguns momentos podemos classificar androginia como uma expressão cultural, algo que através do vestuário que se utiliza podemos identificar símbolos que são culturalmente considerados do sexo oposto. Muraro⁴ nos remete a um tempo mitológico em que o humano era ambíguo e completo, possuía os dois gêneros, um ser com quatro braços, quatro mãos, duas cabeças e os dois sexos, estes seres ameaçavam os deuses do Olimpo. Zeus com seus raios separa estes seres andróginos em dois, que passam a vida a procurar a sua metade perdida, deixando os deuses para governar o mundo em paz.

Com relação ao que seria propriamente androginia para este artigo podemos começar por observar em outra matéria de Iara Pedrosa que nos remete a dualidade da roupa. A matéria de 17 de maio refere-se à moda unissex tem o título “CASTELANA E A UNISSEX”⁵ e diz o seguinte: “Totalmente adepto da unissex, acompanhado da mulher e sempre vestindo unissex, Hugo Castelana, paulista e italiano trouxe a maior parte de seus modelos seguindo essa linha.” A preocupação entre uma moda que poderia ser utilizada tanto por homens quanto por mulheres é declarada e saudável já em 1970 e Iara Pedrosa escreve e acompanha a mudança dos tempos, ainda que naturalmente essa mudança seja sempre de forma a masculinização da roupa feminina e não o contrário.

Assim a androginia é traduzida na roupa e tem intenções que estão além do que podemos observar, é necessário refletir e compreender por que essa relação entre roupa e gênero pode ser to importante.

Muraro⁶ faz uma referência bastante interessante a respeito de androginia que pode esclarecer melhor o que se pretende demonstrar com o presente artigo:

[...] é aquele heterossexual que não reprime dentro de si as características que convencionalmente pertencem ao sexo oposto, como por exemplo a sensibilidade e a perda do medo do afeto no homem e a inteligência criativa na mulher. Só é andrógino aquele que é capaz de reunificar os opostos dentro de si: o homem e a mulher, a atividade e a passividade, mente e corpo [...] Isto é, aquele que tende com todas as suas forças à sexualidade polimorfa da infância na idade adulta.

⁴ MURARO, Rose Marie, BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p.251.

⁵ PEDROSA, Iara. Castelana e a unissex. *O Estado*, Florianópolis, 17 de maio de 1970. p. 3.

⁶ MURARO, Rose Marie, BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino...*, op. cit., p. 252.



Visto que androginia corresponde a algo interior dentro da psique humana pode-se dizer que este artigo refere-se principalmente a aparência, às representações que a sociedade tem sobre a androginia. Singer⁷ refere-se à androginia da seguinte forma:

[...] a androginia, que no seu sentido mais amplo pode ser dividida como o Um que contém os Dois, a saber, o masculino (andro) e o feminino (gyne). A androginia é um arquétipo inerente na psique humana. C. G. Jung declarou que seu uso do termo arquétipo é uma paráfrase explicativa do eidos platônico, e é nesse sentido que uso aqui. O termo arquétipo é útil nesse contexto pois indica um tipo arcaico ou primordial, de uma imagem coletiva e universal que existe desde os tempos mais remotos. Os arquétipos dão origem às imagens das tradições tribais primitivas, dos mitos e contos de fadas, e da mídia contemporânea.

Singer⁸ nos fala ainda que a androginia representa o mais antigo arquétipo da humanidade. Advém através da unidade cósmica primordial que se rompe e se transforma em dois, só então podem se afastar e se unir de outra maneira, assim masculino e feminino, que representam as polaridades opostas, sem importância de ordem pois um não é válido sem o outro, podem se reunir para que a centelha da criação possa ser gerada. Para se unirem foi necessário que estivessem separados e que antes disso estiveram juntos formando um ser andrógino primevo. A autora afirma, que se pode encontrar o conceito de androginia através dos mitos que existem hoje e se refere particularmente a um mito grego da criação em que do Caos surge a Noite e o Érebo e destes, o Amor, e deste a Luz, surgiu então a Mãe Terra e o Pai Céu que se deitam e permanecem abraçados por muito tempo. Diz ainda que em outras versões Terra-Céu é vista como uma entidade andrógina. Esse mito pode ser encontrado também em outras religiões que nos chegam hoje em dia como o budismo, o hinduísmo, o taoísmo.

Há ainda o relato encontrado na bíblia, na criação em que Deus aparece como uma figura Andrógina, sendo homem e ao mesmo tempo mulher, deste modo deveria ser o ser humano antes da queda, “um ser completo, masculino e feminino e, nesse caso, o pecado original, a queda, teria a ver [...], com a divisão desse ser primevo em dois sexos – e a

⁷ SINGER, June. *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. São Paulo: Cultrix, 1990. p.27.

⁸ Idem. p.27-28.



conseqüente desagregação do andrógino –, frutos da desobediência à lei e da castração patriarcal.”⁹

A intenção é a reunificação dos sexos dentro de cada um de nós. A heterossexualidade reprime os traços do sexo oposto em si e a homossexualidade imita o sexo oposto no intuito de se verem livres dele, estes por sua vez são considerados desvios da androginia.¹⁰

A sociedade judaico-cristã quase conseguiu expulsar a figura do deus primordial andrógino, pois este ameaçaria a idéia patriarcal de Deus. “A Pedra fundamental desta civilização foi sempre a dominação masculina. Nossas principais instituições fora do lar têm sido concebidas e operadas primordialmente por homens, funcionando por determinados tipos de princípios e atitudes que costumam ser chamados de masculinos.”¹¹ Para Singer, na androginia é que “corresponde mais fielmente ao arquétipo norteador do ser humano, não uma estrutura social baseada predominantemente no modo patriarcal de agir no qual a mulher tem um papel secundário.”¹²

Estes conceitos todos só reforçam a idéia de que o que faz a diferença não é o sexo, mas sim o gênero, pois um apenas se define pelo outro, só se diferenciam através do olhar do outro, das representações construídas através da história e perpetuadas até nossos dias.

Os movimentos feministas foram um passo decisivo para a androginia, segundo Singer¹³, pois enfrenta obstáculos que podem levar a ela. No século XX é que as mulheres conquistaram lugar no espaço público. Para essa autora, na segunda metade do século XX é que isso acontece com maior rapidez, quando mulheres conseguem o poder de decidir quando ou se terão filhos, conseguem uma educação melhor e deixam seu papel subserviente perante o homem, e só assim é que esta poderá relacionar-se com o homem de uma forma mais satisfatória para ambos.

Singer¹⁴ faz uma importante observação quando desmistifica a relação existente entre hermafroditas, bissexuais e androginia. Explica primeiramente o que androginia não é. Não é hermafroditismo, muito confundido com androginia que se refere apenas a uma má formação dos órgãos genitais, quando ocorre a formação dos dois órgãos aparentemente, diz que é uma anormalidade fisiológica e que os hermafroditas pertencem à categoria dos intersexuais em que há deslocamento observável do órgão do sexo oposto, há participação do cromossomo ou

⁹ MURARO, Rose Marie, BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

¹⁰ MURARO, Rose Marie, BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.p. 252.

¹¹ SINGER, June. *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. São Paulo: Cultrix, 1990. p. 28.

¹² Idem. p. 28.

¹³ Idem. P. 29.

¹⁴ Idem. p. 33-35.



do desequilíbrio hormonal. A bissexualidade refere-se às relações interpessoais, não necessariamente se relaciona com o sexo em si, mas como as pessoas se relacionam com as outras, isto é, em que medida há sentimentos de amor pelo sexo oposto e pelo mesmo sexo, pode haver sexo com os dois sexos, mas não necessariamente. A autora fala que existe muita confusão com a imagem de androginia que aparecia nos romances do século XIX em que rapazes delicados e que usavam roupas da moda eram considerados andróginos. Singer diz que esses autores românticos decadentes viam o ser andrógino como um ser que possuía os dois sexos anatômica e fisiologicamente.

No caso da androginia Singer¹⁵ é bem clara sobre a sua concepção:

O novo andrógino não se sente confuso sobre a sua identidade sexual. Homens andróginos manifestam uma sexualidade masculina natural, espontânea e desinibida, enquanto as mulheres andróginas podem ser totalmente femininas em sua própria sexualidade. No entanto, nenhum tende a extremos; os homens não ostentam uma atitude machista, nem as mulheres fingem um caráter ingênuo e dependente. Personalidades excessivamente polarizadas proliferam numa cultura que exige a repressão de certas tendências naturais no processo de desenvolvimento dos traços ditos 'masculinos' e 'femininos' que a sociedade considera apropriados para cada sexo. Os indivíduos andróginos deixam que essas repressões se esvaeçam, no intuito não tanto de preparar terreno para a liberação de seus impulsos sexuais, mas sim de permitir que o que havia sido reprimido possa voltar a ser reintegrado à percepção e cognição conscientes.

Este é o modelo de androginia apresentado para este artigo, pois satisfaz a interação que se quer expor neste artigo, mulheres se apropriam de peças tradicionalmente masculinas para competir no mercado de trabalho, sem perder a característica do seu gênero. A androginia é caracterizada pela interação intrapsíquica, a mulher não se confunde sobre sua sexualidade ou seu gênero, apenas se apropria de elementos que se propõem a igualar o poder entre os gêneros.

A moda é o espelho da cultura da sociedade, a vestimenta representa um discurso que a sociedade produz e mais recentemente o indivíduo expõe. A mulher usa de diversos recursos na luta pela igualdade social.

Segundo Crane¹⁶:

¹⁵ SINGER, June. *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. São Paulo: Cultrix, 1990. p. 36.

¹⁶ CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.p. 21.



O vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenha um papel da maior importância na construção social da identidade. A escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre a aparência que se considera apropriada num determinado período (o que é conhecido como moda), bem como uma variedade de alternativas extraordinariamente ricas. Sendo uma das mais evidentes marcas de status social e de gênero – útil, portanto, para manter ou subverter fronteiras simbólicas –, o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, vêem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status.

Ainda que se pense em moda como algo superficial, percebe-se que esta pode definir conceitos bem mais profundos e arraigados dentro da sociedade moderna, esconde embates entre gêneros e entre classes sociais. Os significados e significantes que se observam e se traduzem em mensagens de submissão podem informar como se comportam as pessoas em determinada época e local.

A revolução sexual e a revolução feminina muito contribuíram para a demonstração da moda como elemento que dá significado ao pensamento e aos ideais de uma sociedade. A imagem feminina é neste contexto alvo de pesquisa para a indústria da moda que está sempre pronta a atender às necessidades dos seus consumidores.

No domingo de 4 de outubro, o Jornal *O Estado* publica uma matéria sobre o poder feminino, intitulado “As mulheres no poder”, o artigo exprime bem o movimento feminista e todas as exigências e extremos a que este chegava naquele momento. Segue abaixo a primeira parte do artigo¹⁷.

Igualdade de trabalho, igualdade em tudo com os homens, mais creches, mais berçários, o fim da guerra da Indochina. O movimento feminista americano está de novo nas ruas, para exigir, às vezes, simplesmente dizendo que as mulheres são a maioria tratada como minoria, outras ameaçando com a força, ‘um rifle para cada uma de nós’.

O *women power*, agora espalhado por todos os países desenvolvidos do mundo capitalista, mostrou um pouco de sua força. Entre suas exigências estão as do fim da opressão masculina e de que as mulheres deixem de ser meros objetos de prazer. Algumas de suas defensoras, um pouco menos tranqüilas, gritam: ‘Vamos exterminar os homens. Que o mundo seja só de mulheres. Que todos os bebês nasçam nos laboratórios, e sejam só mulheres.’

¹⁷ PEDROSA, Iara. As mulheres no poder. *O Estado*, Florianópolis, 04 de outubro de 1970. p. 7.



O artigo segue com os acontecimentos e exigências que o movimento feminista faz pelo mundo e que é necessário que as mulheres coloquem fim à subserviência ao homem, algumas feministas mais radicais que as outras; repete os pensamentos das feministas sobre o relacionamento da mulher na sociedade. Artigos como este no início da década de 1970 caracteriza perfeitamente os choques que aconteciam na contracultura e nos movimentos que despontavam naquele momento. O artigo informa ainda que existiram reações e manifestações contrárias a estes movimentos, por parte de mulheres que davam apoio aos homens no seu machismo. Os conflitos de uma época de lutas se refletem também nas roupas, porque as roupas são um discurso, diz-se muito apenas pela indumentária e através das representações possíveis a que a roupa pode carregar.

Laver¹⁸ observa a luta das mulheres através da moda para se identificarem com o poder masculino:

As mulheres lutavam cada vez mais para entrar em novas carreiras e para se firmarem em ambientes anteriormente destinado aos homens. A ênfase da moda na praticidade dos modelos e na escolha dos tecidos originou-se nessa vida competitiva, que deixava pouquíssimo tempo seja para combinar seja para cuidar delas. Não importa que estilos entraram ou saíram da moda, as roupas femininas para o trabalho, paletós e jaquetas apresentaram cores deliberadamente masculinos ao longo de toda a década de 70 e início de 80: uma tentativa na verdade de ficarem no mesmo nível dos homens; mesmo se deu com as roupas unissex e com os empréstimos.

Portanto, segundo informa Laver, a moda se orientou a cuidar da carreira das mulheres facilitando suas vidas com roupas simples de vestir e fáceis de cuidar. A competição por cargos melhores e salários maiores é o princípio que norteia a mulher da década e 1970 e de 1980, a moda é apenas a exploradora dos anseios femininos de equiparação e através da roupa. Com forma masculina representando o poder masculino a mulher sai a busca do tempo perdido.

Dentro de mais um artigo de Iara Pedrosa podemos observar justamente uma reclamação da autora sobre a masculinização do traje feminino de 1970 e a volta das sinuosidades da mulher em matéria de 2 de agosto que tem como título “Moda cada vez mais feminina”¹⁹:

¹⁸ LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. p. 271-272.

¹⁹ PEDROSA, Iara. Moda cada vez mais feminina. In: *Jornal O Estado*, 02 de agosto de 1970. Santa Catarina. p. 3.



Começou ontem a semana das coleções de alta costura outono-inverno 1970-1971. os próprios feitos, antes mesmo de ter visto o primeiro desfile, mostram as tendências da nova moda, sem muita margem de erros: os costureiros parisienses estão redescobrando a elegância feminina.

Fim para as linhas arquitetadas, os comprimentos minis sistemáticos, o porte viril. Desta vez a mulher-mulher ganhará a batalha. Azar da garotinha que é tão facilmente confundida com seu irmão. O corpo vai retomar seus direitos.

O papel da androginia nos artigos de Iara Pedrosa é observado nas fotos do jornal, e em seus comentários, quando se refere a roupas unissexes e na maneira em que ressalta a utilidade dessas roupas. Percebe-se assim, que nos comentários da jornalista esta não se refere a roupas iguais e sim em elementos utilizados pelos dois sexos que geralmente são utilizados pelo sexo oposto.

Quando da matéria “Bolsas e outras bossas” Pedrosa reflete perfeitamente essa diferença entre as roupas destacando quem bolsas devem ser utilizadas por ambos os sexos, mas que cada sexo possui tipos de bolsas diferentes, mais uma vez a utilização de um elemento normalmente observado no sexo oposto é tomado emprestado no complemento do vestuário.

Presente também é a caracterização da roupa feminina como masculinizada se observa assim que a roupa feminina possuía traços masculinos e que as mulheres estavam realmente utilizando elementos masculinos para se destacar, seja socialmente, seja no âmbito do trabalho. A estruturação da roupa é percebida quando há um retorno na moda da feminização da roupa e Iara Pedrosa elege uma matéria para dar destaque a esse movimento no mundo fashion.

O jornal dá bastante destaque a colunista, tanto é que aos domingos abre um caderno de moda dedicado às mulheres chamado “A Estada”. O nome indica claramente o direcionamento do público, pode-se dizer ainda que o fato de feminizar o nome do Jornal abre uma suspeita de que se considerava que os leitores fossem exclusivamente mulheres, mesmo com matérias dedicadas aos homens, imagina-se que o jornal considerava a leitora como influenciadora do vestuário masculino.

A androginia esta presente no Jornal pelas observações dessa avançada colunista, que escrevia sobre os movimentos feministas e sobre a roupa feminina e masculina. Pedrosa observou essa tendência da moda e a demonstra de maneira clara para seus leitores e para os



pesquisadores que o papel do Jornal é a formação de opinião. Observa-se que a jornalista captou os elementos de uma nova tradição delineada pelos movimentos sociais, principalmente o feminista, abre novas portas e quebra muitos preconceitos tradicionais da roupa e do gênero.

Fontes

PEDROSA, Iara. As bolsas e outras bossas. *O Estado*, Florianópolis, 06 de junho de 1970.

_____. As mulheres no poder. *O Estado*, Florianópolis, 04 de outubro de 1970.

_____. Castelana e a unisex. *O Estado*, Florianópolis, 17 de maio de 1970.

_____. Moda cada vez mais feminina. *O Estado*, Florianópolis, 02 de agosto de 1970.

Referências Bibliográficas

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MURARO, Rose Marie, BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. Florianópolis: *Revista de Estudos Feministas /CFH- UFSC* – Vol. 08, N. 02, 2º semestre 2000, pp. 09-40 Disponível em <http://portalfeminista.org.br/REF/PDF/v8n2/Nicholson>, Acesso em 26/maio/2008 (integral)

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, v. 24 no.1, Franca, 2005, pp. 77-98. Disponível em: <http://www.scielo.br/> ,Acesso em 20/julho/2008

SINGER, June. *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. São Paulo: Cultrix, 1990.

